

Dissertações

defendidas no Programa
de Pós-graduação em
Geografia/UFMG no
1º semestre de 2013

Recategorização de unidades de conservação

O Parque Nacional dos Pontões Capixabas foi criado no ano de 2002 no Estado do Espírito Santo, em um território habitado por mais de 2.000 pessoas, dentre elas a comunidade tradicional Pomerana. A pesquisa buscou analisar o processo de recategorização dessa unidade para Monumento Natural e verificar a influência das territorialidades e participação social dos grupos sociais locais nesse processo. A implementação de políticas públicas voltadas para a decretação de Unidades de Conservação no Brasil fundamentou-se por muitos anos em concepções ideológicas preservacionistas que invisibilizaram os povos e comunidades tradicionais habitantes desses territórios e deles dependentes, material e simbolicamente. O processo de recategorização do Parque foi um exemplo de que a mobilização social pode estimular a formação de canais de participação social e favorecer as mudanças nas políticas públicas. O exercício da cidadania nesse processo, não significou o fim dos conflitos na unidade, mas representou um passo importante para a conservação da posse da terra pela comunidade tradicional Pomerana. Uma vez que, a possibilidade da desterritorialização ocorre em várias outras unidades, torna-se necessário ampliar as formas de participação da sociedade, especialmente dos povos e comunidades tradicionais, na formulação e revisão das políticas públicas, como também na gestão desses territórios protegidos, concomitantemente com o arcabouço jurídico que dê sustentação para esta maior participação.

Análise dos espaços verdes remanescentes na mancha urbana conurbada de Belo Horizonte - MG apoiada por métricas de paisagem

O trabalho propõe a análise da morfologia dos espaços verdes existentes dentro da mancha urbana conurbada de Belo Horizonte (MG) com seus municípios vizinhos, para discussão acerca das “funções” exercidas por esses fragmentos. É, nesse sentido, uma proposta metodológica para o diagnóstico e planejamento dos espaços verdes inseridos na paisagem urbana, tendo em vista os benefícios que os mesmos podem gerar para áreas densamente edificadas. Essa metodologia é baseada nos princípios da Ecologia da Paisagem no sentido em que busca traçar relações entre a forma, a função e as transformações espaço-temporais entre os elementos estruturantes da paisagem analisada, que no caso são os fragmentos de vegetação intra-urbanos. É, dessa maneira, uma adaptação, para estudos especificamente urbanos, de uma metodologia já utilizada para identificação de áreas prioritárias para conservação e áreas potenciais para formação de corredores ecológicos. Este estudo busca difundir ferramentas para o planejamento dos espaços verdes urbanos e, com isso, contribuir para a identificação, caracterização e reconhecimento da importância desses espaços para a melhoria da qualidade de vida urbana. Os espaços verdes, bem como a mancha urbana conurbada, foram mapeados a partir da interpretação e classificação supervisionada de imagens do satélite RapidEye de 2010 utilizando o software Spring 5.2.1. Essas imagens possibilitam um alto detalhamento do uso e cobertura do solo, sobretudo da

Cláudia Silva Barbosa

Orientadora:

Prof. Dra. Doralice Barros

Pereira

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Doralice Barros

Pereira (IGC/UFMG)

Prof. Dr. José Antônio Souza de

Deus (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Marta de Azevedo

Irving (UFRJ)

Data de Defesa:

04/02/2013

Área de Concentração:

Organização do Espaço

Daniilo Marques de
Magalhães

Orientadora:

Prof. Dra. Ana Clara Mourão

Moura

Banca Examinadora: Prof. Dra.

Ana Clara Mourão Moura

(EA/UFMG)

Prof. Dra. Heloísa Soares de

Moura Costa (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Regina Maria de

Fátima Camargos (IEF/MG)

Data de Defesa:

04/02/2013

Área de Concentração:

Análise Ambiental

identificação da cobertura vegetal em função das características espaciais, espectrais e radiométricas das bandas do sensor. A análise acerca da morfologia dos fragmentos de vegetação foi realizada a partir do cálculo das Métricas de Paisagem disponíveis no software Fragstats 3.3. O resultado obtido a partir da aplicação das Métricas de Paisagem é um diagnóstico da morfologia e dispersão dos espaços verdes, o que dá apoio para a análise do uso e das funções que são ou podem ser associadas aos mesmos. A partir desse conhecimento é possível planejar um sistema de espaços verdes urbanos coerentes com o potencial existente e o potencial utilizado.

Éric Andrade Rezende

Orientador:

Prof. Dr. André Augusto

Rodrigues Salgado

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Augusto

Rodrigues Salgado (IGC/

UFMG)

Prof. Dr. Roberto Célio Valadão

(IGC/UFMG)

Prof. Dr. César Augusto

Chicarino Varajão (UFOP)

Data de Defesa:

08/03/2013

Área de Concentração:

Análise Ambiental

Evolução do relevo no divisor hidrográfico entre as bacias dos Rios Grande e Paraíba do Sul: um estudo na Serra da Mantiqueira (MG/RJ)

O presente trabalho tem como objetivo estudar a evolução do relevo de um trecho do divisor hidrográfico entre a bacia interiorana do Rio Grande, um dos formadores do Rio Paraná, e a bacia do Rio Paraíba do Sul, localmente representada pelas cabeceiras do Rio Preto. Este divisor hidrográfico está contido em uma das porções mais elevadas da Serra da Mantiqueira e coincide com o flanco NNW do Rift Continental do Sudeste do Brasil. Para este estudo foram selecionadas nove sub-bacias localizadas no extremo sul de Minas Gerais, entre os municípios de Itamonte e Bocaina de Minas. Essas sub-bacias tiveram suas taxas denudacionais estimadas através da mensuração da produção do isótopo cosmogênico ^{10}Be em sedimentos fluviais. Os resultados mostram que a taxa média de denudação das sub-bacias do Rio Paraíba do Sul, voltadas para o graben (17,39 m/Ma), é superior a das sub-bacias dos rios Grande e Aiuruoca, voltadas para o interior continental (12,24 m/Ma). Portanto, estes resultados confirmam a ocorrência de processos erosivos mais intensos nas bacias hidrográficas voltadas para o interior do rifte, como proposto em modelos de evolução de escarpamentos localizados em margens passivas maduras. Entre os fatores controladores das taxas de denudação, se destaca a boa correlação existente entre as taxas e dois parâmetros morfométricos: amplitude de relevo e declividade média das sub-bacias. A influência da litologia se mostra ainda mais importante, sendo o Granito Maromba a unidade litológica mais resistente nas sub-bacias amostradas. Uma série de evidências indica que rearranjos de drenagem tiveram fundamental importância na evolução neocenoica dos divisores hidrográficos estudados. A provável captura do alto Rio Preto, anteriormente direcionado para o interior continental, foi responsável por uma parcela considerável do recuo do divisor a partir da borda de falha da Bacia de Resende. Em associação com outros dados geocronológicos, os resultados também indicam o caráter predominantemente episódico da denudação em diferentes escalas temporais. As baixas taxas de denudação mensuradas sugerem uma relativa estabilidade tectônica no Quaternário Superior. Deste modo, o último evento tectônico responsável pelo rejuvenescimento do relevo na área deve ser consideravelmente mais antigo que a idade aparente das amostras.

Uma leitura das viagens contemporâneas: a questão do testemunho nas narrativas de viagem

A viagem é um tema amplo que se refere aos deslocamentos humanos, à história das civilizações e, também a uma atividade contemporânea que conquista um número crescente de adeptos: o turismo. A compreensão da viagem como um tipo de mobilidade espacial é, frequentemente, levada ao limite nas leituras mais convencionais sobre o tema, gerando interpretações pejorativas sobre a errância, o nomadismo e desconsiderando a simbologia envolvida no ato de viajar. Sempre expressão de um desejo de mudança, o deslocamento espacial do viajante impõe transformações, como as sofridas pelo herói Ulisses, da Odisseia de Homero — arquétipo do viajante ocidental. Desde a Odisseia, é possível identificar a formação de um discurso que associa o viajante a uma testemunha que é autorizada a narrar. Inumeráveis escritores, autores e aventureiros, ao se autorrepresentarem como testemunha autêntica, contribuem e reforçam um discurso sobre viagem que a valoriza como meio de produção de um testemunho sobre os lugares, mas que não contempla a sua contraparte — a transformação “interior” gerada pela experiência do viajante. Historicamente constituída, a viagem de testemunho — discurso que define e valoriza a atividade do viajante como meio para “ver com os próprios olhos” e “narrar com as próprias mãos” — foi impulsionada pelo movimento editorial relacionado à literatura de viagem, atravessou séculos e parece ressoar ainda hoje. O viajante-testemunha da contemporaneidade se transforma em consumidor para o qual a viagem representa um rito social que se assemelha a um jogo de espelhos: o outro representa apenas um reflexo da sua própria imagem. Compreender a formação, difusão, alcance e limites do discurso da viagem de testemunho, bem como discutir as relações entre viajar e escrever/ler, experiência e narrativa e entre ciência e literatura, auxiliam uma leitura mais ampla e generosa sobre a viagem e suas nuances contemporâneas.

Palavras chave: viagem contemporânea, narrativas de viagem, testemunho, discurso.

Julia Fonseca de Castro

Orientador:

Prof. Dr. Cássio Eduardo Viana

Hissa (IGC/UFMG)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cássio Eduardo Viana

Hissa (IGC/UFMG)

Profa. Dra. Doralice Barros

Pereira (IGC/UFMG)

Profa. Dra. Adriana Ferreira de

Melo (PBH)

Profa. Dra. Angela Maria

da Silva Gomes (Faculdade

Pitágoras/Betim)

Data de Defesa:

08/04/2013

Área de Concentração:

Organização do Espaço

Carla Wstane de Souza
Moreira

Orientador:

Prof. Dr. Cássio Eduardo Viana
Hissa (IGC/UFMG)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cássio Eduardo Viana
Hissa (IGC/UFMG)

Prof. Dr. André Velloso Batista
Ferreira (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Rogata Soares Del
Gaudio (COLTEC/UFMG)

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa
(CEFET/MG)

Data de Defesa:

29/04/2013

Área de Concentração: Organização
do Espaço

Gestão de águas urbanas: mobilização social em torno de rios invisíveis

As cidades modernas se vendem como a imagem do progresso e, construídas sob a égide da razão, possibilitam um modelo tecnossanitário de intervenção nos rios urbanos. Refletindo sobre perspectivas de reinvenção de práticas sociais no planejamento urbano, discuto aberturas que o modelo de intervenção nos rios urbanos carece de considerar no entendimento do mundo. Para contextualizar o que chamo de negligência com os rios urbanos, faço breve reflexão sobre os processos de ocupação da bacia hidrográfica do rio das Velhas e apresento a racionalidade técnica empreendida na construção da Nova Capital a partir da história do saneamento básico em Belo Horizonte, preconizada por uma visão higienista de intervenção no espaço. Busco, então, refletir sobre os espaços democráticos de participação popular, questionando como os poderes são compartilhados na gestão das águas, a partir da Política Nacional de Recursos Hídricos, na Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas. Considero que o Comitê do rio das Velhas e seus Subcomitês, juntamente com o Projeto Manuelzão e seus Núcleos, desenvolvem um movimento social na luta por rios vivos, depreendendo certa energia vital à descentralização das tomadas de decisões na gestão das águas nesta bacia. Dedico o último capítulo da pesquisa ao diálogo com os Núcleos Integrados do córrego Engenho Nogueira e o processo de integração entre eles. Diálogo com os grupos sobre a formação, as conquistas, os desafios de cada um e as relações com o poder público. Assim, trago reflexões sobre o Programa de Recuperação Ambiental de Belo Horizonte (DRENURBS), que tem a proposta de revitalização de rios/córregos indicando uma mudança significativa na política de saneamento. Questiono como se dá a participação popular, elucidando o que se entende por termos tão caros à práxis e à ciência — como alianças de aprendizagem e governança, e termos que apresentam aberturas de diálogo como transdisciplinaridade e ecologia de saberes. Por fim, esta pesquisa registra os saberes e conhecimento dos sujeitos que participam da luta por rios vivos em ambientes urbanos. Procuo compreender suas visões de mundo — o que se entende por política, cidadania, participação popular, ciência e senso comum —, e assim tentar descobrir de que modo é que se constroem caminhos de diálogos, se fazem transposições de saberes e como se abrem frestas capazes de promover mudanças de percepção da realidade.

Nos caminhos do vale: o (des) envolvimento no Jequitinhonha

O Vale do Jequitinhonha, situado a nordeste de Minas Gerais, é uma região sobre a qual muitos estudos tem se debruçado, dado a singularidade desse espaço regional, que reúne em seu território dicotomias como riqueza e pobreza, abundância e escassez, ascensão e declínio econômico. Em termos históricos a gênese da formação deste território remonta às primeiras rotas de ocupação da Capitania das Minas dos Matos Gerais, antes mesmo de sua criação em 1720. Ao longo da segunda metade do século XX, o Vale do Jequitinhonha adquire o status de “região problema”, apesar de sua importância histórica para a economia mineira e de sua rica cultura. Dessa forma pobreza, exclusão social e limitações naturais alavancaram diversos estudos e projetos políticos de desenvolvimento regional, em grande medida pautados por tentativas de geração de renda e melhoria das condições de sobrevivência dessa população. Mas em que consiste o Vale do Jequitinhonha? Quais são os elementos constitutivos da “geo-história” econômica desse lugar, que ao mesmo tempo é lembrado pelo abandono e pela riqueza cultural? Qual é o olhar do povo local sobre o espaço que ele ocupa? Em que medida há o envolvimento dos agentes locais no desenvolvimento regional? As interpretações e análises realizadas consistem em uma tentativa de captar o (des)envolvimento no Vale, por meio da elucidação de seu passado econômico, e dos impactos na organização espacial e social decorrentes da introdução de atividades econômicas forjadas no bojo da “modernização conservadora” desde a segunda metade do século XX. A ocupação econômica dessa região tão singular em Minas Gerais condicionou-se a Geografia: no Alto Jequitinhonha, o relevo montanhoso da Serra do Espinhaço, de onde extraiu-se enorme quantidade o ouro e o diamante; no Médio Jequitinhonha, os solos ricos em sais, ocupados pela pecuária bovina extensiva; no Baixo Jequitinhonha, as áreas de mata deram lugar as lavouras de subsistência, e os morros ocupados com capim colônia, planta adaptada a escassez de chuvas típicas da região, às fazendas de criação de gado bovino.

Leonardo Caetano
Miranda

Orientador:

Prof. Dr. Weber Soares (IGC/
UFMG)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Weber Soares (IGC/
UFMG)

Prof. Dr. Célio Augusto da
Cunha Horta (IGC/UFMG)

Prof. Dr. Ralfo Edmundo da
Silva Matos (IGC/UFMG)

Prof. Dr. Roberto do
Nascimento Rodrigues

(CEDEPLAR/UFMG)

Prof. Dr. Luiz Cláudio Ribeiro
(UFJF)

Data de Defesa:

10/05/2013

Área de Concentração:

Organização do Espaço

Carolina Xavier de Lima

Orientador:

Prof. Dr. Bernardo Machado

Gontijo (IGC/UFMG)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bernardo Machado

Gontijo (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Janise Bruno Dias

(IGC/UFMG)

Prof. Dra. Ana Clara Mourão

Moura (EA/UFMG)

Prof. Dra. Regina Maria de

Fátima Camargos (IEF/MG)

Data de Defesa:

20/05/2013

Área de Concentração:

Análise Ambiental

Caraça, a porta do céu e seu entorno: o estudo da paisagem para a conservação da biodiversidade

A presente pesquisa foi realizada na região da serra do Caraça, na porção leste do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, área inserida no domínio legal da Mata Atlântica, com ambientes característicos de transição para o Cerrado e com presença de Campos Rupestres, uma área de grande relevância ambiental considerada como “Área prioritária para conservação da flora e da fauna”. Nessa região se localiza a RPPN Santuário do Caraça, Unidade de Conservação com área expressiva no Quadrilátero Ferrífero, sendo um centro de conservação desses ambientes. Porém, seu entorno vem sendo cada vez mais degradado por atividades como a mineração, silvicultura, estradas de grande porte e centros urbanos, fragmentando a paisagem, dividindo áreas que antes eram contínuas em pequenos fragmentos de vegetação, que são cada vez mais perturbados podendo acarretar na extinção de espécies, assoreamento de rios, entre outros. Portanto é evidente que deve-se evitar o isolamento geográfico desta UC entendendo a dinâmica de ocupação de seu entorno, e estudando a paisagem para averiguar quais são os locais com focos de desmatamento e aqueles com maior estado de conservação. Esta questão foi enfocada no presente trabalho através da abordagem integradora que o estudo da paisagem proporciona. O objetivo aqui proposto foi o de caracterizar a paisagem da serra do Caraça e seu entorno para identificar áreas potenciais para a conectividade com os ambientes naturais protegidos pela RPPN Santuário do Caraça, visando à conservação da biodiversidade. Para alcançar este objetivo foi feita uma caracterização da paisagem a partir: das alterações temporais que nela ocorreram; da relação e integração entre os atributos de suporte físico, potencial ecológico e os usos do solo, identificando as Unidades de Paisagem com características similares para a compreensão da dinâmica espacial; e o estudo da estrutura desta paisagem com relação à vegetação campestre e arbórea remanescentes. Os recursos oriundos do geoprocessamento se mostraram uma importante ferramenta nas análises ambientais e facilitaram a compreensão da espacialização dos elementos da paisagem. Com isso observou-se que ainda existem grandes matrizes de vegetação em bom estado de conservação, o que demanda a atenção dos órgãos públicos e da população para a importância da proteção desses ambientes.

Brasil dos Brasis e outros ensaios

Como uma busca inacabada, estes ensaios propõem reflexões acerca dos autoritarismos historicamente forjados ao longo da formação do Brasil. Permeados por relações de dominação, estes autoritarismos seriam originários dos modos de ser arraigados nos seus diversos sujeitos Brasis, sujeitos ambíguos, mesclados de conformismos e resistências. Nesse sentido, resignações e transgressões confluentes comporiam o ser: humano, sujeito, cultural daqueles criados sob o jugo de opressões e brutalidades constantes. Assim, expressões próprias destes sujeitos — como os congados, ou as variações dialetais, ou mesmo os movimentos sociais — estariam permeados de contradições e ambiguidades. Entretanto, tal abordagem não significa apenas uma constatação de imobilismos ou sujeições de sujeitos Brasis. Ao contrário, funciona como força propositiva a favor da criação de lugares de encontros, onde potências resistentes possam ser explicitadas. Territórios de utopia feitos de transgressoras relações dialógicas. De leituras, releituras e reescritas compartilhadas do mundo, do Brasil e de si mesmo. Usos estratégicos do espaço.

Evolução do relevo da região da Serra da Bocaina - Serra do Mar - SP/ RJ: um estudo através do isótopo cosmogênico ¹⁰Be.

O presente trabalho tem como objetivo estudar a evolução do relevo de um trecho da Serra do Mar localizado entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, conhecido como Serra da Bocaina. A Serra do Mar configura-se como uma típica margem passiva madura que marca o registro do evento de separação da África e América do Sul e a formação do Oceano Atlântico Sul. A Serra do Mar na região estudada é configurada ainda pela abertura do Rift Continental do Sudeste do Brasil. Ambos eventos tectônicos conferiu à Serra da Bocaina um relevo peculiar pois se trata de uma porção da Serra do Mar que apresenta dois escarpamentos - um continental e um atlântico- separados por um planalto dissecado. Esse Planalto por sua vez apresenta uma característica peculiar pois apresenta dois níveis de base distintos, imprimindo para si um caráter denudacional diferente. Para este estudo foram selecionadas quinze bacias localizadas entre os municípios de São José do Barreiro -SP e Parati-RJ, sendo que cinco delas foram amostradas na Escarpa Continental, cinco na Escarpa Atlântica e cinco no Planalto. Essas bacias tiveram suas taxas denudacionais estimadas através da mensuração da produção do isótopo cosmogênico ¹⁰Be em sedimentos fluviais. Os resultados mostram que a taxa média de denudação das bacias voltadas para o oceano atlântico (35,78m/Ma), é superior a das bacias voltadas para o interior continental (23,01m/Ma). Portanto, estes resultados confirmam a ocorrência de processos erosivos mais intensos nas bacias hidrográficas voltadas para o oceano, como proposto em modelos de evolução de escarpamentos localizados em margens passivas maduras. Os dados ainda mostraram que a taxa média de denudação do Planalto (8,77m/Ma) são menores que das escarpas (29,39m/Ma) demonstrando que a Serra da Bocaina evolui por backwering. Uma série de evidências indica que rearranjos de drenagem tiveram fundamental importância na evolução da Serra da Bocaina. Os dados obtidos evidenciam a existência da denudação diferencial entre os granitos e gnaisses, no

Danielle Gregole Colucci

Orientador:

Prof. Dr. Cassio Eduardo Viana

Hissa (IGC/UFMG)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cassio Eduardo Viana

Hissa (IGC/UFMG)

Prof. Dr. André Velloso Batista

Ferreira (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Doralice Barros

Pereira (IGC/UFMG)

Prof. Dr. José Geraldo Pedrosa

(CEFET/MG)

Data de Defesa:

24/05/2013

Área de Concentração:

Organização do Espaço

Juliana Rodrigues da Silva

Orientador:

Prof. Dr. Andre Augusto

Rodrigues Salgado (IGC/

UFMG)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Andre Augusto

Rodrigues Salgado (IGC/

UFMG)

Prof. Dr. Fabio Soares de

Oliveira (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Bianca Carvalho

Vieira (USP)

Data de Defesa:

05/06/2013

Área de Concentração:

Análise Ambiental

qual os granitos apresentam uma resistência muito maior frente aos gnaisses. A litologia se apresenta como principal fator controlador das taxas de denudação. Entretanto, regionalmente a diferença de nível de base controla a evolução do escarpamento através da amplitude e declividade. O relevo está evoluindo em direção ao interior continental, mas os dados sugerem que essa evolução não é uniforme.

Gabriel Túlio de Oliveira
Barbosa

Orientador:

Prof. Dr. Bernardo Machado
Gontijo

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bernardo Machado
Gontijo (IGC/UFMG)

Prof. Dr. José Antônio Souza de
Deus (IGC/UFMG)

Prof. Dr. Claudinei Lourenço
(IGC/UFMG)

Prof. Dra. Mônica Angela de
Azevedo Meyer (FAE/UFMG)

Data de Defesa: 11/06/2013

Área de Concentração: Análise

Ambiental

Ser-Tão Cerrado de Guimarães Rosa: Espaço Movimentante

O escritor João Guimarães Rosa, além de toda a elaboração estética, do significado mítico-místico e da profunda concepção psicológica de seus personagens, deixa transparecer também em sua obra uma preocupação sobre as questões sociais e ambientais que envolvem o cenário regional, nacional e universal do “sertão”, que também “é o mundo”. No projeto literário do autor, o sertão e o Cerrado transcendem seus destinos de moldura narrativa, para se conformarem em personagens co-protagonistas das narrações. Um espaço-palco permeado por uma rica e sofrida história, um mundo “muito misturado” no coração do país. Apesar de evidenciar um “continuum espacial” em todas as suas narrativas, existem nuances socioespaciais intercaladas entre os livros do autor. Selecionamos nesta pesquisa três momentos ficcionais e alegóricos deste espaço movimentante: a) o sistema jagunço de Grande Sertão: veredas; b) os gerais em movimento de Corpo de Baile; c) e o mundo maquinal de Primeiras Estórias. As nuances ficcionais são reflexos das transformações dos gerais, desde a decadência do jaguncismo no final do século XIX e início do século XX, passando pelo desenvolvimento getulista nos anos 40 e 50, até a inauguração de Brasília, no início da década de 1960. O autor, contudo, não pode acompanhar as intensas transformações do Cerrado nas décadas subsequentes à sua morte em 1967. As mudanças de matrizes de racionalidades levadas pela modernização para o ambiente artístico de Rosa induziram profundas modificações na dinâmica dos recursos naturais e no sistema de uso da terra. Desta forma, objetivou-se nesta pesquisa, além da análise das obras de Guimarães Rosa, conceber uma experiência sensorial com o sertão rosiano na atualidade para absorver sabedorias in locu e compreender de que maneira se articula este espaço movente. A vivência de campo contribuiu para a escritura de sete episódios/insights, contextualizando os três momentos ficcionais de Grande Sertão: veredas, Corpo de Baile e Primeiras Estórias e suas relações com o “sertão presente”. Concluiu-se que apesar das pressões externas, a cidade não acaba com o sertão. A “matéria vertente” integradora do ser-tão cerrado continuará a conduzir sua alma, enquanto for dimensão da vida humana, de existência, onde é percebido, vivido e afetivamente experienciado pelos sertanejos. E é de dentro deste lugar onde deve estar o núcleo de resistência que represente uma resposta veemente às tentativas de homogeneização do espaço. Vimos alguns exemplos de resistências socioambientais, cujas propostas locais partem da inspiração na matriz literária de Guimarães Rosa, capaz de transmitir, “iluminar” e estimular um olhar artístico para o espaço, tal como lentes para uma percepção cativante da realidade.

Discussão do quadro de geração de dados socioeconômicos para a gestão de bacias hidrográficas no Brasil: panorama atual, obstáculos, demandas e desafios

A bacia hidrográfica é considerada um dos recortes espaciais mais adotados para os estudos direcionados ao planejamento ambiental. Seguindo esta linha, a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) define, como um de seus fundamentos, que “a bacia hidrográfica é a unidade para implementação da PNRH e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos” (SINGREH). Dados e informações são usados como base para a tomada de decisões em quaisquer esferas e escalas de gestão. Para conhecer a realidade de uma bacia hidrográfica é necessário dispor de dados de naturezas diversas (físicos, bióticos, culturais, econômicos, sociais entre outros). No Brasil, a produção de informações estatísticas e geográficas para diferentes unidades territoriais é feita e coordenada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por determinação constitucional. É através do Censo Demográfico que o IBGE exerce de maneira mais ampla a coleta de dados socioeconômicos que melhor retratam o país. Esses dados são divulgados para diversos recortes, sobretudo os político-administrativos e os dos setores censitários, mas não das bacias hidrográficas. Observa-se que os dados socioeconômicos utilizados nos estudos e planos de recursos hídricos são super ou subdimensionados porque englobam ou excluem municípios ou setores contidos em mais de uma bacia hidrográfica. Por isso, atualmente, não é possível ter um diagnóstico socioeconômico preciso dessas unidades, sequer pode-se afirmar com segurança quantos são e como vivem os habitantes delas. Diante do exposto, buscou-se, neste trabalho, investigar a hipótese da existência de demanda de coleta e disponibilização de dados estatísticos diversos em consonância com o recorte espacial das bacias hidrográficas para subsidiar estudos ambientais e, também, o planejamento e gestão nos moldes estabelecidos pela PNRH. A presente pesquisa teve como objetivo construir argumentação sobre essa demanda e ainda, enquanto solução vislumbrada para preencher parte desta lacuna, indicou-se a inclusão de novo recorte espacial censitário através da criação de nova área de apuração e divulgação de dados: as bacias hidrográficas. Ressalta-se que, enquanto possibilidade, essa proposta deve ser analisada mais a fundo, o que poderia ser objeto de estudo da academia ou do principal órgão nacional produtor dessas informações: o IBGE.

Fabiana Fabrega de
Oliveira

Orientador:

Prof. Dr. Antônio Pereira
Magalhaes Junior

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Pereira
Magalhaes Junior (IGC/UFMG)

Profa. Dra. Heloísa Soares de
Moura Costa (IGC/UFMG)

Profa. Dra. Ana Clara Mourão
Moura (EA/UFMG)

Profa. Dra. Luciene Aparecida
Ferreira de Barros Longo
(IBGE)

Data de Defesa: 27/06/2013

Área de Concentração: Análise
Ambiental

Frederico Augusto Alves
Gonçalves

Orientador:

Prof. Dr. Antonio Pereira
Magalhaes Junior

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Antonio Pereira
Magalhaes Junior (IGC/UFMG)

Prof. Dr. Roberto Célio Valadão
(IGC/UFMG)

Prof. Dr. Augusto Sarreiro Auler
(Instituto do Carste)

Data de Defesa:

28/06/2013

Área de Concentração:

Análise Ambiental

Morfodinâmica de um carste suspenso e evolução geomorfológica de longo termo uma aproximação baseada no caso do setor Oeste do Curral do Pedra I / Jequitai-MG

A Região Cárstica dos Currais de Pedras (RCCP), localizada na porção SE do Cráton São Francisco, junto à tríplice fronteira dos municípios norte mineiros de Jequitai, Lagoa dos Patos e São João da Lagoa, tem despertado o interesse de pesquisadores, desde a década de 1970. O nome Curral de Pedras é usado por moradores locais como referência a formas cársticas esculpidas em carbonatos Neoproterozoicos do topo da Formação Lagoa do Jacaré – Grupo Bambuí. Na área investigada, essas rochas afloram nos compartimentos do topo de elevações topográficas de morfologia tabular, compreendidas entre as cotas altimétricas de 520m e 720m aproximadamente, e também ao longo de vertentes suavemente inclinadas na direção dos talwegues dos principais cursos d'água da região. Essas áreas hospedam um vasto repertório de feições associadas a todas as fases hidrodinâmicas de um sistema cárstico ativo, a saber: (i) introdução, (ii) armazenamento e (iii) restituição das águas pluviais. Durante essa investigação, foram realizadas análises que buscaram compreender as influências da morfodinâmica e da evolução geomorfológica da RCCP em um compartimento específico do seu carste. Os métodos usados envolveram técnicas cartográficas aplicadas aos temas geologia e geomorfologia em uma escala de 1:45.000. O carste do setor oeste do Curral de Pedras I foi cartografado na escala de 1:100 com o objetivo principal de se evidenciar morfologias testemunhos da hidrodinâmica pretérita. Foram realizados trabalhos em campo durante as estações úmidas e secas, durante os quais foi possível observar, descrever e mapear parte do comportamento hidrológico dos sistemas cársticos investigados. Os resultados obtidos revelaram que o carste detalhadamente investigado é dotado de uma série de testemunhos morfológicos e materiais da dinâmica geomorfológica pretérita. A integração desses resultados a dados de outras pesquisas realizadas na região revelam a possibilidade de o início da carstificação remontar ao Mioceno Superior. Foi também verificada a ação do controle morfoestrutural sobre a elaboração das feições cársticas mapeadas. Tal controle abrange tanto as estruturas tectônicas como as congênicas. Essas últimas, compostas por níveis pelíticos intercalados a carbonatos e, subjacentes à camada composta por calcarenitos mais puros, atuam como nível de base cárstico e têm a capacidade de condicionar a elaboração do modelado cárstico situado a sua montante. No setor oeste do Curral de Pedras I, isso se dá na medida em que esses níveis são expostos à superfície e em seguida erodidos pelos processos responsáveis pelo recuo erosivo das escarpas que limitam os compartimentos de topo que hospedam os sistemas cársticos.

Gênese e desenvolvimento de cavidades naturais subterrâneas em formação ferrífera no quadrilátero ferrífero, Minas Gerais

Feições cársticas são produto da interação entre os subsistemas hidrológico e geoquímico por meio da ocorrência da dissolução ou corrosão da rocha. Uma geoforma cárstica é aquela em que a dissolução constitui o processo mais importante na sua configuração morfológica, mesmo que este não seja dominante. Desta forma, feições cársticas podem se desenvolver em rochas não carbonáticas. Nesta perspectiva, a presente pesquisa se propôs a estudar a gênese e o desenvolvimento de cavernas hospedadas em rochas ferríferas, localizadas no Quadrilátero Ferrífero, Estado de Minas Gerais. Foram investigados os padrões geométricos e planimétricos de 160 cavernas. Destas, foram selecionadas 11 cavernas distribuídas em quatro distritos espeleológicos, Serra da Piedade, Sinclinal Gandarela, Serra da Moeda e Serra do Rola Moça, onde foi realizado detalhado levantamento dos atributos litoestruturais, hidrológicos, sedimentares e morfológicos. Foram identificadas evidências de controle litoestrutural e hidrodinâmico.

Paisagens culturais alternativas no Brasil contemporâneo e vivência espacial da comunidade indígena Krenak do sudeste (Vale do Rio Doce/MG)

No âmbito das distintas experiências socioculturais dos povos indígenas na consolidação de contraprojetos emergentes e dos diversos níveis de contato com a nossa sociedade, por elas estabelecidos historicamente no contexto nacional, este trabalho tem como objetivo o estudo específico e verticalizado das paisagens culturais alternativas do povo indígena Krenak, remanescentes da família Borun que ainda resistem em seu território tradicional no Vale do Rio Doce (Minas Gerais). Posto isso, buscou-se realizar uma investigação, nítida e explicitamente geográfica, em torno das paisagens culturais alternativas, postuladas pelas linhas interpretativas da Geografia Cultural contemporânea, sobretudo das visões mais heterodoxas do “marxismo cultural” de Denis Cosgrove, vinculadas à experiência histórica e atual dos povos indígenas do sudeste brasileiro, e mais especificamente do povo Krenak do Vale do Rio Doce. Através do levantamento da vasta bibliografia indigenista e da realização de trabalhos de campo na terra indígena Krenak (com mapeamento sistemático da área e realização de questionários e entrevistas) foi possível compreender os elementos históricos, territoriais e culturais particulares que contribuíram para a concentração de segmentos indígenas remanescentes (marginais e residuais) na região estudada. Consideramos ainda a percepção e a interação da sociedade envolvente da sede municipal de Resplendor (município no qual o território indígena encontra-se oficialmente inserido) na construção das paisagens culturais alternativas do povo Krenak. Esse estudo se justifica pela relevância acadêmico-científica assumida pelas discussões em torno do conceito de Paisagem Cultural, e pela propriedade/ conveniência em se tentar estabelecer uma interlocução entre o aparato teórico acadêmico e as inflexões da realidade, hoje, em curso, no país e no mundo – e em particular, com fenômenos e processos imbricados com a “emergência de identidades coletivas”.

Allan Silas Calux

Orientador:

Prof. Dr. Andre Augusto

Rodrigues Salgado

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Andre Augusto

Rodrigues Salgado (IGC/

UFMG)

Prof. Dr. Antônio Pereira

Magalhães Júnior (IGC/UFMG)

Prof. Dr. José Antônio Ferrari

(IG/SMA)

Data de Defesa:

05/07/2013

Área de Concentração:

Análise Ambiental

Ludimila de Miranda

Rodrigues

Orientador:

Prof. Dr. Jose Antonio Souza

de Deus

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jose Antonio Souza de

Deus (IGC/UFMG)

Prof. Dr. Weber Soares (IGC/

UFMG)

Prof. Dra. Virgínia de Lima

Palhares (IGC/UFMG)

Prof. Dra. Maria Geralda de

Almeida (UFMG)

Data de Defesa: 24/07/2013

Área de Concentração: Organização

do Espaço